

Bréscia, 23 de setembro de 2016

**Paulo VI: profeta, apóstolo, mediador**

Senhoras e Senhores,

Acolhi com alegria o convite para falar neste evento no dia em que se celebra a memória do bem-aventurado Paulo VI.

Uma gratidão profunda nos une a ele em primeiro lugar pelo seu luminoso magistério do qual, há mais de 50 anos, a Igreja extrai ensinamentos como de uma fonte inesgotável e guia na caminhada.

Uma gratidão profunda também em nome do Movimento dos Focolares (ou Obra de Maria), um dos dons que Deus desejou dar à humanidade do nosso tempo. Nos anos em que a Igreja, com solicitude materna, estudava atentamente esta nova realidade eclesial que estava tomando forma em seu seio, João Batista Montini, como Substituto da Secretaria de Estado e depois como Cardeal de Milão, esteve próximo com discreto e vigilante afeto, sabendo intervir com prudência na avaliação da autenticidade dessa experiência evangélica. Quando se tornou papa, o seu papel foi determinante para o discernimento do carisma de Chiara Lubich, tornando possível aquilo que, no início da década de sessenta parecia ainda “impossível”, individuando sapientemente formas legais viáveis para expressar a fisionomia específica desta nova Obra na Igreja. A comunhão entre Paulo VI e Chiara não se limitou à Obra de Maria: na escuta comum do Espírito, ela deu frutos na vida da Igreja, como demonstraram, em base a uma rica documentação, as intensas Jornadas de estudo organizadas em 2014 pelo Instituto Paulo VI de Concesio, em colaboração com o Centro Chiara Lubich de Rocca di Papa.

À gratidão se acrescenta hoje a alegria de poder recordar esta grande figura na cidade onde nasceu, na catedral onde foi ordenado sacerdote, e fazer isso durante o

Jubileu extraordinário da Misericórdia, em íntima ligação com o Ano Santo de renovação e de reconciliação proclamado por ele em 1975.

O monumento dedicado a ele, nos reporta àquele tempo de graça de maneira expressiva e realista. A sua humilde figura parece acompanhar-nos para viver o ano jubilar com o testemunho de vida e de santidade que ele nos deu, e que é reproposta – por meio da representação, rica de símbolos, de eventos e de gestos do seu pontificado – nos mosaicos expostos em sua base.

O segredo da fecundidade do patrimônio espiritual e doutrinal que ele nos deixou, parece estar indicado no quarto mosaico: a Bíblia como fundamento e natural fonte inspiradora do seu magistério e das suas ações, aqui representadas pelas encíclicas e cartas às Brigadas Vermelhas, que floresceram em seu coração no doloroso período do sequestro do deputado e amigo Aldo Moro.

A figura de João Batista Montini - Paulo VI - vigário de Cristo, porque imbuída da Palavra de Deus, se revela a nós na sua tríplice dimensão de profeta, apóstolo, mediador.

Agora, gostaria de tracejar brevemente cada um destes três aspectos.

### **Profeta**

A dimensão profética do pontificado de Paulo VI emerge com sempre maior evidência no nosso tempo, e podemos captar esta dimensão na sua capacidade de abrir, com coragem e sabedoria, novos caminhos, felizmente percorridos pelos seus sucessores. Homem de grande visão, Paulo VI conheceu, como acontece com os profetas, também a incompreensão e a solidão. Delicado e quase frágil no corpo, distinguiu-se pela coragem e sabedoria de permanecer fiel ao comando interior da consciência que o evidenciava como “sinal de contradição”. Consciente da delicadeza da própria missão e do peso das palavras expressas por um papa, escolheu às vezes, falar aos corações por meio de gestos significativos, que se revelaram capazes de construir realidades novas, abater muros e expressar a renovação da Igreja que a sua alma anelava. Imagens muito conhecidas do seu Pontificado não deixam de nos surpreender ainda hoje, estimulando-nos à reflexão para

tentar captar cada vez mais o sentido, o ensinamento, a capacidade de marcar uma mudança de rota, uma “conversão” que diz respeito a todos nós.

Refiro-me ao abraço de paz durante o histórico encontro de Paulo VI com o patriarca Atenágoras, em janeiro de 1964 na Terra Santa, que surpreendeu o mundo revelando-os irmãos, e ao gesto de profunda humildade, colocado como um marco no encerramento do Ano Santo de 1975, quando, na Capela Sistina, ajoelhando-se, beijou os pés do metropolitano ortodoxo Meliton. Como não colher os frutos, associando quase que em dissolvença aqueles gestos com aquilo que os nossos olhos contemplam hoje no relacionamento tão fraterno entre o Papa Francisco e Patriarca Bartolomeu ou no abraço histórico entre o papa e o patriarca de Moscou Kirill?

Pensando no seu testemunho de pobreza, como não retornar à eloquente e libertadora oferta da tiara papal, símbolo do poder temporal que a sua visão de Igreja não mais reconhecia? <sup>1</sup> Uma escolha que ele aplicou coerentemente na vida pessoal, confirmando o propósito de «morrer pobre» ou o discreto pedido de um funeral simples, de um túmulo sem nenhum monumento mas «no interior da terra, com humilde sinal a indicar o lugar e convidar à piedade cristã»<sup>2</sup>. Pobreza à qual chamou até o fim também a Igreja, como expressa no conhecido *Pensamento da morte*, a última exortação reservada à Esposa de Cristo: «tem consciência da tua natureza e da tua missão; tem o sentido das

---

1

<sup>1</sup> Aconteceu em 13 de novembro de 1964, no final da liturgia oriental de São João Crisóstomo. Relembrando aquele evento, dom Pasquale Macchi observa: «O comovente gesto suscitou grande surpresa: talvez nem todos o aprovaram, inclusive porque implicava para os sucessores a renúncia à tiara e à Tiara Tripla e comportava uma nova visão do próprio mandato papal. Sem dúvida não se tratava de um gesto improvisado, mas que tinha raízes remotas: era a expressão de uma particular sensibilidade de Paulo VI, do seu desejo de uma pobreza mais conforme ao ensinamento e à escolha de Jesus, em plena sintonia com o Concílio, que falava de uma “Igreja dos pobres”» (P. MACCHI, *Paolo VI nella sua parola*, Morcelliana, Brescia 2014<sup>2</sup>, p. 161).

2

<sup>1</sup> PAULO VI, *Testamento*, 14 de julho de 1973, in *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. XVI (1978), Libreria Editrice Vaticana, [Città del Vaticano] 1979, p. 593.

necessidades verdadeiras e profundas da humanidade; e caminha pobre, isto é, livre, forte e com amor, para Cristo. »<sup>3</sup>.

Em uma Igreja que hoje é consciente de ainda não ter descoberto e valorizado adequadamente o papel da mulher, vem em maior relevo a grande atenção dada pelo Papa Paulo VI ao universo feminino na Igreja. A sua decisão de admitir a participação de mulheres (10 religiosas e 13 leigas) como auditoras no Concílio, que acarretou resistências, foi realmente inovadora, com efeitos positivos, entre os quais o livre acesso aos estudos de teologia.

Em 1970, com uma decisão histórica, foi ainda Paulo VI a proclamar doutoras da Igreja – título sempre concedido somente aos homens – as duas primeiras mulheres: Teresa d'Ávila e Catarina de Sena.

«Paulo VI foi realmente *o Papa do diálogo*». Assim se expressou João Paulo II em Concesio durante la sua visita pastoral em 1982, evidenciando no seu predecessor a capacidade de dialogar com a humanidade inteira<sup>4</sup>. «Não tenhais medo de efetuar o êxodo que é necessário em cada diálogo autêntico»: exorta o papa Francisco indicando o diálogo como «método», não por «astuciosa estratégia» mas «por fidelidade Àquele que nunca Se cansa de passar e repassar pelas praças dos homens até às cinco horas da tarde a fim de lhes propor o seu convite de amor»<sup>5</sup>.

---

3

<sup>1</sup> *Pensamento da morte*, in *Nell'intimità de Paulo VI*, organizado por P. Macchi, Morcelliana, Bréscia 2000, p. 23.

4

<sup>1</sup> Cf GIOVANNI PAOLO II, *È stato il Papa della Chiesa, del dialogo, dell'umanità*, Concesio, 26 settembre 1982, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. V/3 (1982), Libreria Editrice Vaticana, [Città del Vaticano] 1983, p. 568.

5

<sup>1</sup> PAPA FRANCESCO, *Incontro con i Vescovi degli Stati Uniti d'America*, Washington 23 settembre 2015.

O termo “diálogo”, tão profícuo hoje em todos os níveis, aparece pela primeira vez em um documento oficial da Igreja na *Ecclesiam suam*. Nessa encíclica programática do seu pontificado, Paulo VI revela o seu sentido: o diálogo é «impulso interior da caridade», que se faz «dom de caridade». A Igreja «deve dialogar com o mundo em que vive. A Igreja – nos diz – se faz palavra; a Igreja se faz mensagem; a Igreja se faz colóquio» (ES 66-67). E de tal *colloquium salutis* ele mesmo se tornou, com transparência e humildade, testemunha autêntica até fazer dele o seu estilo de vida.

### **Apóstolo**

Em João Batista Montini que, no início do pontificado, na *Ecclesiam Suam*, como mencionado, doa as linhas do próprio serviço a Deus e à Igreja, sentimos vibrar o pensamento e a alma do apóstolo de quem havia escolhido o nome, o apóstolo missionário e primeiro teólogo de Cristo, aquele que se fez tudo a todos, sem se poupar, para que o anúncio do Evangelho chegasse a todas as gentes. São dimensões intimamente unidas em todo o seu pontificado, durante o qual a reflexão teológica e doutrinal se conjuga constantemente com um caminho de renovação em nível pessoal e eclesial, e com o anúncio do Evangelho com critérios de universalidade e plenitude para que atinja todos os homens, penetre as culturas e promova o desenvolvimento integral «de todos os homens e do homem todo»<sup>6</sup>.

São inúmeros os discursos, os documentos, os atos de reforma que confirmam tudo isso. Basta pensar no modo com o qual Paulo VI retomou e prosseguiu o Concílio, como realizou as suas instâncias, basta mencionar a reforma litúrgica ou a reforma da Cúria; citar apenas a exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* que ele doou ao mundo no fim do ano Santo de 1975, e hoje retomada explicitamente pelo Papa Francisco na *Evangelii gaudium*. Relembramos ainda um dos grandes caminhos aberto por Paulo VI: as viagens apostólicas, percorridas depois assiduamente pelos seus sucessores, que os aproximaram do povo da terra, fazendo com que a Igreja se tornasse mais una e mais “católica” como Paulo VI

---

6

<sup>1</sup> Cf PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum progressio*,14.

amava evidenciar, no sentido etimológico do termo. De grande destaque e de dimensão universal, se sobressai o histórico e profundamente humano discurso pronunciado na ONU. Tenho a satisfação de citar também a inclusão inovadora dos leigos nos pontos vitais da instituição eclesial, a sua confiança na contribuição de suas ideias e o seu reconhecimento, na *Octogesima adveniens*, da legitimidade da pluralidade de opções no âmbito político enquanto fiel aos princípios do Evangelho, etc.

Assim como para o Apóstolo Paulo, a evangelização é para o Papa Montini uma exigência impelente realizada em uma coerente unidade de fé e vida e com um grande sentido de responsabilidade pessoal<sup>7</sup>. Evangelizar, afirmava, «não é para quem quer que seja um ato individual e isolado, mas profundamente eclesial», que pressupõe o testemunho da unidade (EN 60; cf 77): de fato, é o amor recíproco entre os cristãos que doa a «capacidade de gerar a presença de Cristo entre nós»<sup>8</sup>. E Ele foi «o primeiro e o maior dos evangelizadores» (EN7).

Gostaria de lembrar aqui um grande evento pastoral promovido por João Batista Montini quando era arcebispo de Milão: a extraordinária Missão na cidade, característica de Montini, que prenunciava o caminho de colegialidade e “sinodalidade” promovida e percorrida nos anos do seu pontificado. Ele se colocou à escuta de uma exigência que lhe fora apresentada, imprimindo depois nela não apenas novas dimensões (tratou-se da maior missão numérica nunca antes pregada na Igreja até então) mas um novo conteúdo. Invertendo o costume da época, não quis que o conteúdo chamasse aos deveres sacramentais ou aos preceitos morais, mas que se propusesse com decisão, incisividade e

---

7

<sup>7</sup> Cf IDEM, *Esortazione pastorale per il lavoro apostolico nell'America Latina*, in *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. III (1965), Tipografia Poliglotta Vaticana, [Città del Vaticano] 1966, p. 668.

8

<sup>8</sup> Cf IDEM, *Homilia na Paróquia de Santa Maria Consolatrice* (Casal Bertone), 1 de março de 1964, in *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. II (1964), Tipografia Poliglotta Vaticana, [Città del Vaticano] 1965, p. 1073.

respeito a verdade fundamental revelada por Cristo, na qual tudo tem origem. O tema foi portanto: Deus Pai. A Missão, no pensamento de Montini, deveria ser o «dedo de Deus» que toca cada um para recordá-lo que tem «um Pai lá no céu»<sup>9</sup> e oferecer a cada homem, independentemente da sua fé e do seu passado, a luz para «restabelecer na alegria e na graça os relacionamentos filiais que Deus, revelando-se nosso Pai, por Cristo e no Espírito Santo, quis estabelecer conosco»<sup>10</sup>.

Quatro dias antes da Missão, na Festa de todos os Santos, dom Montini falou – em tons que antecipam o Concílio – do chamado universal à santidade, apresentando-a como vocação possível e necessária. Lembrava que a caridade é «a essência da perfeição, o «principal caminho» para a santidade. Cada um deve percorrer o seu próprio caminho, mas não o percorre sozinho. Ressaltava que, ao longo dos séculos, as várias espiritualidades indicaram vários caminhos que hoje se abrem mais do que nunca, se aplainam, «perdem a sua severidade primitiva, mas, em troca, caminham mais diretamente na direção da caridade e do apostolado; e se apresentam a todos os estados de vida com forte atração». A santidade pode então ser alcançada «no cumprimento das obrigações do próprio estado». Este critério, continuava o arcebispo, «leva à propagação do esforço santificador que, de individual, tende a se tornar coletivo, de episódico se torna hábito, de excepcional, comum. A figura do Santo, singular e superior à regra ordinária, permanecerá sempre em grandíssima honra [...]. Mas é claro e maravilhoso o fenômeno que podemos observar: a Igreja encaminha-se hoje para uma santidade de povo».

Quanto é atual para nós hoje este seu anúncio para que este ano jubilar, vivido na contemplação e na certeza do amor de Deus que é misericórdia, traga frutos duradouros, perenes!

---

9

<sup>1</sup> IDEM, *Il dito di Dio*, 22 settembre 1957, in *Discorsi e scritti milanesi*, cit., p. 1614.

10

<sup>1</sup> IDEM, *Sulla Madonna. Discorsi e scritti 1955-1963*, Istituto Paolo VI, Brescia 1988, p. 70.

### **Mediador no único Mediador (Mediador entre Deus e os homens)**

«O mundo me observa, me ataca. Preciso aprender a amá-lo realmente» – assim se expressava Paulo VI nas primeiras horas após a eleição para o papado. «A Igreja, assim como é. O mundo, assim como é. Que esforço! Para amar assim é preciso passar pelo amor de Cristo. Me amas? Apascenta. O Cristo [...]!. Não permita que eu me separe de Ti [...] devo alimentar a minha consciência e a minha vida interior [...] aludindo a Cristo, a Deus, que ele postula como sua fonte e sua razão de ser. Consciência de servo constrangido a fazer grandes coisas»<sup>11</sup>.

O programa espiritual se delineia com nitidez já nos primeiros dias do pontificado: Cristo – o princípio; a Igreja – «é Ele mesmo a amá-la em mim»; a Cruz – «Devo ousar pedir ao Senhor que me dê o conhecimento da Cruz, o desejo, a experiência, a força, o gáudio»<sup>12</sup>. O lema paulino «para mim, o viver é Cristo» ressoa fortemente na alma de Montini acompanhado por uma confiante, humilde oração: «Faça com que o galo me lembre, sim, a minha fragilidade, mas não me denuncie traidor de tais palavras»<sup>13</sup>.

E vive isso em conformidade com o empenho «sagrado, solene e gravíssimo» de «continuar no tempo e dilatar na terra a missão de Cristo», assumido conscientemente no dia de sua coroação. Empenho que exige conhecer cada vez melhor «as estruturas, os acontecimentos, as riquezas, as necessidades» da Esposa de Cristo, da qual percebia

---

11

<sup>1</sup> P. MACCHI, *Paolo VI nella sua parola*, cit., pp. 104-105.

12

<sup>1</sup> PAOLO VI, Meditazione 5 agosto 1963, in *Nell'intimità di Paolo VI*, cit., p. 58.

13

<sup>1</sup> *Ibidem*, p. 57.



«jorrar a vitalidade, os sofrimentos gravíssimos, a ansiedade comunitária e a florescente espiritualidade»<sup>14</sup>.

«Teremos, em uma palavra, com a ajuda de Deus, coração para todos», prometeu naquele dia<sup>15</sup>. «Que coração é necessário ter – anota no retiro espiritual de agosto de 1963 –. Coração sensível a todas as necessidades; coração pronto a toda possibilidade de fazer o bem; coração livre, pela pobreza desejada; coração magnânimo a todo possível perdão, a cada razoável tarefa; coração gentil em toda firmeza; coração pio a todo nutrimento do alto»<sup>16</sup>.

É assim que Paulo VI – seguindo o rastro do Mestre – toma sobre si a angústia e o tormento do mundo, sentindo-os profundamente seus e sofrendo com eles, como muitas vezes transparece em seu rosto. Desta forma, a paternidade de Deus se manifesta nele nitidamente, anulando a distância entre céu e terra, curando feridas, enxugando lágrimas, trazendo paz e unidade.

Foi esta a experiência que Chiara Lubich vivenciou várias vezes nos contatos estabelecidos com ele.

Em setembro de 1965 ela lhe escreveu: «Obrigada pela audiência privada na qual a Paternidade de Deus se manifestou a nós claramente através da Sua Venerada Pessoa. Que a Igreja faça conosco aquilo que considera ser o melhor...». E colocando Iginio Giordani a par desta audiência confidenciou: «Se o amor de Deus for como o amor expresso pelo Papa hoje de manhã, seria suficiente para mim».

---

14

<sup>1</sup> Idem, *In die Coronationis Papae*, 30 giugno 1963, in *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. I (1963), Tipografia Poliglotta Vaticana, [Città del Vaticano] 1965, p. 26.

15

<sup>1</sup> *Ibidem*, p. 27.

16

<sup>1</sup> IDEM, *Meditazione 5 agosto 1963*, cit., p. 60.

Relembrando a primeira audiência privada que Paulo VI lhe concedeu (em 31 de outubro de 1964), Chiara descreve com palavras e acentos tocantes, a experiência do encontro com o Pontífice: «Quanta sabedoria, quanta abertura, que coração largo! Eu representava e levava uma Obra nova nascida na Igreja, com novidades tanto na sua estrutura como na sua espiritualidade. Mas ali não existiam dificuldades»<sup>17</sup>. «Lembro que senti uma perfeita sintonia entre aquilo que o Papa dizia e aquilo que me parecia ter vindo de Deus para a edificação desta Obra. E a impressão foi tão forte que tive quase a sensação de que aquela sala de recepção do Papa, fosse sem teto e o céu e a terra se unissem»<sup>18</sup>.

«Paulo VI constitui uma enorme honra para o papado» – assim Chiara se expressa em 1977 –, porque «ama a todos sem medo» e «se doa a todos»<sup>19</sup>. E, referindo-se à experiência ecumênica do Movimento, afirma que muitíssimas pessoas, das mais variadas denominações, ficam impressionadas «com a figura do Papa, com o amor que o consoma, com o fazer-se – como diz o Apóstolo – tudo para todos. Talvez seja por isso que Atenágoras o chamava de Paulo II. E estes visitantes não católicos têm por ele uma estima única». «Com esta Sua atitude – continua Chiara – o Papa revela a linha do seu pontificado. É o Papa do diálogo com o mundo, é o Papa que vê toda a humanidade potencialmente como uma única família»<sup>20</sup>.

---

17

<sup>1</sup> *Paolo VI e il Movimento dei Focolari. Intervista a Chiara Lubich*, in “Città Nuova”, 22 (1978), n. 17, p. 15.

18

<sup>1</sup> C. LUBICH, *Uomini al servizio di tutti* (1978), in *Deus entre os homens* (Escritos espirituais/4), Cidade Nova, São Paulo 1983, p. 99.

19

<sup>1</sup> *Ibidem*.

20

<sup>1</sup> *Ibidem*, p. 100.

«A imagem habitual que as pessoas têm do Papado – notava o papa Montini – é aquela de um lugar de comando, de autoridade, de governo; e é assim devido à direção pastoral e doutrinal da Igreja; mas não se pensa suficientemente que aqui, mais do que em outros lugares, percebe-se, alimenta-se, e se sofre por causa do sentido da pobreza humana, da necessidade de ajuda divina, por causa do sentido humilde da nossa radical insuficiência, do tormento de desejar muito, com o conforto de esperar muito; e não se percebe que aqui as exigências adquirem proporções imensas, mundiais»<sup>21</sup>.

E assim até o fim. O amor e a enorme confiança que o Papa Montini repõe no homem, se expressam também naquele documento de alto valor moral e cristão dos últimos meses de sua vida: a *Carta às Brigadas Vermelhas*. Paulo VI, em base à comum humanidade, a escreve a homens pedindo por um homem, em nome do Homem que também eles não podem ignorar.

Eliminato: -

«Que dom inestimável para a Igreja a lição do Servo de Deus [hoje bem-aventurado] Paulo VI! – exclamou Bento XVI exatamente aqui em Bréscia. E acrescentou: «como é entusiasmante colocar-se sempre de novo na sua escola!»<sup>22</sup>.

Sim, é assim para nós também hoje. O dom da sua santidade se renova em uma comunhão que continua. E, recolhendo a sua herança espiritual, queremos evocar ainda a constante característica da sua existência e que desejou nos comunicar: o amor à Igreja. «Desejaria [...] compreendê-la toda na sua história. [...] Desejaria abraçá-la, saudá-la, amá-la, em todo o ser que a compõe [...]. Homens, compreendei-me; amo a todos vós na efusão

---

21

<sup>1</sup> IDEM, *nell'imminenza della sessione finale del Concilio*, 1 settembre 1965, in *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. III (1965), cit., p. 1019.

22

<sup>1</sup> IDEM, *Lettera del Papa alle Brigate Rosse*, in *Insegnamenti di Paolo VI*, vol. XVI (1978), cit., pp. 298-299

do Espírito Santo, em que eu, ministro, era obrigado a fazer-vos participar. Assim olho para vós, assim vos saúdo, assim vos abençoo»<sup>23</sup>.

O seu amor nos envolve e solicita o nosso. Gostaria de explicitar este nosso desejo e empenho com as palavras de uma página do diário de Chiara Lubich:

«16 de outubro de 1965. “Amar a Igreja”... uma palavra que penetra no mais profundo do nosso coração, como se tocassem no nosso ponto fraco...

Por isso, Senhor, queremos te oferecer o nosso humilde trabalho dos poucos dias da nossa vida. Por este ideal, que significa amar o que Jesus amou, como o Papa diz, amar a Mãe. É, e pretende ser amor, somente amor pela Igreja, o que nos leva a contribuir na renovação da sua fisionomia, renovando-nos a cada dia e ajudando-nos uns aos outros a nos renovarmos, aproximando-nos das fontes daquela beleza que a Igreja guarda e nos oferece.

Deve ser este amor pela Igreja, que nos faz empreender novas obras para mostrar [...] o milagre da sua eterna juventude.

Se duas palavras pudessem hoje sintetizar todo um programa que permitisse a muitos amar realmente a Igreja, estas seriam as palavras do Papa: Unidade e fogo. [...] unidade compacta, ordenada, cordial, ardente, sempre nova, sempre pronta, que [...] testemunha ao mundo a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que disse: "Que sejam um, para que o mundo creia que Tu me enviaste".

E “fogo” de amor para com todos [...].

Com a unidade entre nós e o amor para com todos, podemos contribuir para reanimar o nosso catolicismo, a colocá-lo de novo, em todas as suas expressões concretas, em sintonia com o Santo Evangelho de Cristo, e embelezar assim a Igreja [,] demonstrando a ela o nosso profundo e sincero amor».

Maria Voce

<sup>1</sup> IDEM, *Pensiero alla morte*, cit., pp. 22-23.

Presidente do Movimento dos Focolares